

GUIMARÃES, Padre Bráulio de Sousa (C.M.)

*Apontamentos para a história da Província Portuguesa da Congregação da Missão.*

Coordenação científica de Luís Machado de Abreu e José Eduardo Franco.

Lisboa: Esfera do Caos, 2017-2018. ISBN (Volume I): 978-989-680-212-7;

ISBN (Volume II): 978-989-680-217-2; ISBN (Volume III): 978-989-680-220-2

PAULA ALMEIDA MENDES

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2019.9768>

CITCEM-FLUP

 <https://orcid.org/0000-0002-5748-6350>

A obra *Apontamentos para a História da Província Portuguesa da Congregação da Missão*, da autoria do Padre Bráulio de Sousa Guimarães (C.M.), constituída por três volumes, dados à luz do prelo nos anos de 2017 e 2018, inscreve-se na moldura de uma revalorização da historiografia religiosa portuguesa, nomeadamente das várias ordens e congregações, acentuada e amplificada sobretudo a partir da Época Moderna, visando e declinando uma «estratégia» que visava a fixação, através do registo escrito, da sua memória, envolta em uma certa nostalgia das origens e de um passado, não raras vezes, enformado por uma auréola de glória. Neste sentido, e em boa hora, esta publicação, organizada e coordenada por Luís Machado de Abreu e José Eduardo Franco, com supervisão linguística de Aida Sampaio Lemos, disponibiliza um importante veio de documentação inédita, de utilidade inegável para investigadores (ou simples curiosos), tentando, de certo modo, estimular a investigação e a produção científica naquele domínio, articulando a memória do passado e os desafios que, muito naturalmente, colocarão as investigações do futuro.

A edição dos *Apontamentos para a História da Província Portuguesa da Congregação da Missão* é acompanhada por uma «Introdução», da responsabilidade de Luís Machado de Abreu, que começa por realçar a centralidade de que se reveste a importância do registo escrito para o conhecimento do passado, exaltando, deste modo, a pertinência do labor historiográfico levado a cabo pelo Padre Bráulio de Sousa Guimarães, de molde a redigir e organizar os seus «Apontamentos», em versão policopiada, constituída por oito volumes, «de alcance pedagógico e instrumental» (p. 23), escorado em uma exaustiva (e fecunda) investigação em arquivos, que lhe permitiu reunir e confrontar várias fontes – da Casa-Mãe de Paris, da Biblioteca Nacional, da Torre do Tombo, de alfarrabistas (p. 29) –, ainda que confesse e lamente que «há mais deficiência do que superabundância de informação» (p. 38) –, resgatando do esquecimento e do desconhecimento documentos que lhe permitem (re)construir a história da Congregação da Missão em Portugal, emulando o exemplo e as orientações seguidas, anteriormente, por Claude-Joseph Lacour e Amedée Allou, e retomando caminhos que, em Portugal, já haviam sido, de certo modo, trilhados por José Manuel Vieira († 1809), com as *Memórias chronologicas da caça da Congregação da Missão de Lisboa: em que se referem os sucessos notáveis, e extraordinários que nella tem havido desde a fundação athe ao presene escriptas por hum dos seus sacerdotes, e por elle oferecidas aos congregados da mesma caça* (1790), sem perder de vista o capítulo «Do princípio da Congregação da Missão em Portugal», incluído no *Compendio da vida, virtudes, milagres e obras prodigiosas de S. Vicente*

---

de Paulo, de D. Jerónimo da Cunha (1779) (p. 21). Herdeiro das concepções e práticas historiográficas que se foram configurando, sobretudo a partir da Época Moderna, na esteira da atividade dos bollandistas e dos beneditinos de Saint-Maur – sem, contudo, esquecer os contributos de Georg Witzel, Luigi Lippomano Lourenço Surio e Heribert Rosweyde –, no que diz respeito à crítica de fontes, declinando uma moldura marcada e acentuada por um «movimento de erudição eclesiástica», sobretudo na área católica, durante o século XVII, já revalorizado por Bruno Neveu em *Erudition et religion aux XVIIe et XVIIIe siècles* (Paris: Albin-Michel, 1994), o trabalho desenvolvido pelo Padre Bráulio de Sousa Guimarães procura, deste modo, preservar a memória dos lazaristas (ou vicentinos), equacionando a sua legitimação e identidade, no quadro da evocação nostálgica da figura do fundador, S. Vicente de Paulo, no contexto celebrativo do terceiro centenário da sua morte, em 1960, inscrevendo-se assim, como sublinha Luís Machado de Abreu, em uma moldura pautada por propósitos apologeticos e panegíricos» (p. 24), mantendo uma linha de continuidade que reflete o peso da dimensão retórico-moralizante, tão cara aos autores da Época Moderna.

Luís Machado de Abreu sublinha, compreensivelmente, que o «tempo de gestação e redação dos *Apontamentos* coincide, em traços largos, com os longos anos de vigência do regime de Estado Novo» (p. 25), aproximando, assim, o labor historiográfico do Padre Bráulio de Sousa Guimarães do de outros autores coevos, como o Padre Miguel de Oliveira, com a *História Eclesiástica de Portugal*, ou o Padre António da Silva Rego, com a *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente* (1947-1960), ou o Padre António Brasília, com os seus *Monumenta Missionaria Africana*, relativos à história das missões além-mar.

O primeiro volume reúne a «Primeira» e a «Segunda» Partes dos *Apontamentos para a História da Província Portuguesa da Congregação da Missão*.

A «Primeira Parte» (pp. 35-309) evoca as origens da Congregação da Missão, realçando o seu estabelecimento, em Portugal, e reconstruindo e revisitando a sua história até aos tempos do governo do Marquês de Pombal. O Padre Bráulio de Sousa Guimarães começa, compreensivelmente, por evocar a figura de São Vicente de Paulo, exaltando a fundação da Congregação da Missão (também chamada dos Lazaristas), oficializada por Urbano VIII em 1632, a qual, paulatinamente, foi estendendo a sua atividade pastoral e missionária a vários locais. Todavia, apesar do interesse que São Vicente de Paulo mostrou em que a Congregação da Missão expandisse a sua atividade em territórios ultramarinos de matriz portuguesa – nomeadamente em Pernambuco, no Brasil, e no Oriente – e de por Lisboa terem passado alguns missionários da Congregação, a caminho de Madagáscar, que foram calorosamente acolhidos por D. Vasco de Mascarenhas, Conde de Óbidos, e sua mulher, D. Joana de Vilhena, em 1648 (pp. 50-54), o seu estabelecimento em Portugal só se concretizaria graças aos esforços desenvolvidos pelo Padre José Gomes da Costa. Com efeito, o Padre Gomes da Costa, animado por vários apoios e procurando estribar-se, sobretudo, na autoridade pontifícia (p. 62), mas condicionado também por vários obstáculos, nomeadamente por parte da Casa-Mãe, acabaria por ver concretizado o seu anseio, pese embora o facto de os primeiros projetos de fundação terem saído gorados. De resto, «a vontade tenaz que tinha o padre Costa da fundação em Portugal, e a condição posta pela corte de Lisboa da não dependência de superiores estrangeiros, determinou» uma

autêntica luta (p. 81). Neste enquadramento, não parecerá estranho que o superior geral dos lazaristas, o Padre Bonnet, «vendo o apoio que o padre Gomes da Costa encontrava em Roma para uma fundação não autorizada pelos superiores», tivesse recorrido «ao regente do reino em França, duque de Orléans, para obter a sua protecção» (p. 89); de resto, torna-se compreensível que a Santa Sé se debatesse «entre 2 correntes de influências opostas, vindas respetivamente das duas cortes de Lisboa e de Paris. Estava, aliás, em causa um princípio de disciplina religiosa a jogar com um desejo de implantação em Portugal da Congregação da Missão, e com o apreço em que eram tidas na cúria as reais qualidades e o louvável intento do padre Gomes da Costa» (p. 95).

Em 1716, o Padre Gomes da Costa regressa a Lisboa e, à margem da autoridade central da Congregação – mas estribado na autoridade papal –, começa a procurar um local para agregar uma comunidade de confrades: nesse sentido, estabelecer-se-á em uma casa, situada na Rua das Gaivotas (p. 105) e lá permanecerá, juntamente com os companheiros, vindos de Itália e de Barcelona (cap. XV), até à sua transferência para Rilhafoles (pp. 117-120), em 1720, graças à protecção concedida pelo rei D. João V, mas que beneficiou também do apoio de vários benfeitores (pp. 124-125).

As primeiras atividades a que se dedicaram os membros da comunidade de Rilhafoles foram as missões (a primeira teve como palco Samora Correia, em 1720 ou princípios de 1721) (p. 121) e os exercícios espirituais (pp. 122-123). O Padre Gomes da Costa falecerá a 26 de novembro de 1725, sendo substituído pelo Padre Joffreu (p. 128), que, muito cedo, se verá confrontado «com um problema que se arrastava desde o princípio, o da situação em face da autoridade central do instituto» (p. 130). O conflito só terminará em 1726, traduzindo, deste modo, como o «rei D. João V» – de resto, devotíssimo de S. Vicente de Paulo, «triunfava, pois, nas suas pretensões e obtinha do Papa Bento XIII o que já de Clemente XI havia alcançado: a fundação dos padres da Missão em Portugal numa total independência dos superiores maiores» (p. 134).

A Casa de Rilhafoles foi, assim, paulatinamente, solidificando a sua «identidade» e «legitimidade», declinada não apenas no crescente número de membros da Congregação da Missão, em Portugal, mas também em uma multiplicidade de atividades, de que são exemplo as missões populares, cujos primeiros trabalhos tiveram início em Miranda do Douro (p. 228), a assistência espiritual aos ordinandos (pp. 170-171), os já referidos exercícios espirituais (frequentados por membros da família real, como o Infante D. José de Bragança, irmão de D. João V) (p. 171), para além da criação do seminário interno (pp. 172-173). Na moldura da formação, em Rilhafoles, estabeleceu-se a secção dos estudos de filosofia e teologia, «em que devia realizar-se a preparação intelectual dos futuros padres da Missão» (p. 188).

O eco do crescente prestígio dos padres da Missão estendeu-se a várias regiões de Portugal, de tal modo que foram dirigidos ao Superior de Rilhafoles vários pedidos, no sentido de serem estabelecidas, em vários locais do país, novas casas deste instituto religioso (p. 184). Efetivamente, as fundações de outras casas e seminários multiplicar-se-ão: a título de exemplo, lembremos o estabelecimento das casas da Cruz (Guimarães) (1751), dedicada às missões populares, e do Paraíso (na diocese de Leiria), assim como dos seminários de

---

Cernache do Bonjardim (1791), que será extinto, na sequência da promulgação do decreto de extinção das ordens religiosas de 1834, de Faro (p. 493) e de Leiria (p. 549).

A «Segunda Parte» (pp. 311-631) debruça-se sobre a história da Congregação da Missão em Portugal, desde a época do Marquês de Pombal até à extinção das ordens religiosas. O Padre Bráulio de Sousa Guimarães inscreve este período conturbado da história dos lazaristas, em Portugal, em uma moldura marcada pelas consequências da Revolução Francesa, pelo advento do liberalismo e pela promulgação do decreto de António Augusto de Aguiar. Como mostra o Autor, a Congregação da Missão foi mantendo, sobretudo até ao final do século XVIII, a sua atividade de natureza pastoral e pedagógica, em Portugal, e, paulatinamente, foi alargando o seu campo de ação em direção aos territórios além-mar, à semelhança de outras ordens e congregações religiosas que, como é sabido, desempenharam um papel extremamente importante e relevante no contexto da missão: disso são exemplo os trabalhos de natureza apostólica desenvolvidos em Goa (pp. 414-449), nomeadamente nos seminários de Rachol (p. 423) e do Bom Jesus (p. 432), em Macau, em Pequim (p. 499), Nanquim (p. 531) – de resto, um vicentino português, D. Eusébio Luciano, seria mesmo eleito bispo de Nanquim –, em Malaca (p. 543) e no Brasil (pp. 552-554), mais concretamente com a fundação do santuário do Caraça (pp. 556-562), ainda que a sua presença não tenha sido, temporalmente, muito dilatada (pp. 441-449).

O II volume é constituído pelas «Terceira», «Quarta» e «Quinta» Partes dos *Apontamentos*.

A «Terceira Parte» (pp. 25-186) centra-se na história da Congregação da Missão, desde a extinção das ordens religiosas, em 1834, até à vinda dos lazaristas franceses, em 1857. O Padre Bráulio de Sousa Guimarães chama, desde logo, a atenção para a escassez de fontes, sublinhando que «o pouquíssimo que sabemos fundamenta-se principalmente em vagas tradições orais, mas o fio que a estas mesmas podia prender quase totalmente se partiu com as várias interrupções mais ou menos prolongadas que impôs às congregações religiosas a política sectária dos partidos chamados ironicamente liberais» (p. 27). O processo de exclausuração teria, naturalmente, consequências de largo lastro não apenas em Portugal, como também nos territórios além-mar: nesse sentido, o Autor chama a atenção para os efeitos «desastrosos» nas missões da China (p. 63) e a extinção da Congregação em Macau.

A «Quarta Parte» (pp. 187-517), que se debruça sobre o período compreendido entre a vinda dos lazaristas franceses, em 1857, e a implantação da República, em 1910, descreve os moldes em que se procedeu à restauração da Província Portuguesa dos Padres da Missão em Portugal, com a vinda para Portugal dos primeiros lazaristas franceses, assim como das Filhas da Caridade francesas, oriundas da Casa-Mãe de Paris, que se deveu ao empenho dedicado por D. Isabel Maria de Sousa Botelho Mourão de Vasconcelos, Condessa de Rio Maior (p. 201), e de D. Eugénia Maurícia de Almeida Portugal, primeira Duquesa de Ficalho. As religiosas chegarão a Lisboa em 1857, para tomarem a seu cargo o colégio dos Cardais.

O Padre Bráulio de Sousa Guimarães realça, muito significativamente, o papel desempenhado pelos Padres da Missão na igreja de São Luís dos Franceses. Será, efetivamente, em torno desta igreja que se polarizará a vida e a atividade dos vicentinos em

Portugal: a título de exemplo, lembremos, como o fez o Autor, que foi nesta igreja que o Padre Miel fundou e introduziu no nosso país a Sociedade de São Vicente de Paulo, que havia sido criada em França, por Ozanam e os seus companheiros, em 1833 (p. 248). Mas nesta moldura enformada por uma crescente vitalidade de natureza religiosa e espiritual haverá que revalorizar o papel desempenhado pelos Padres da Missão na aldeia de São Fiel, na Beira Baixa, graças ao esforço empenhado de Fr. Agostinho da Anunciação, confessor da Infanta D. Isabel Maria de Bragança, onde será fundado um colégio, destinado a crianças de condição humilde, mas que, posteriormente, se tornará «um importante estabelecimento de formação literária e científica da juventude», mantendo a sua atividade até «à supressão das ordens religiosas de 1910» (p. 301).

O II volume encerra com a inclusão da «Quinta Parte» (pp. 519-703), centrada na história da Congregação da Missão, no período compreendido entre a implantação da República e o restabelecimento da autonomia provincial, em 1927. Como nos mostra o Autor, esta foi também uma época conturbada para a Congregação em Portugal, marcada, entre muitas outras vicissitudes, pela tragédia de Arroios (que obrigou muitos dos sobreviventes, assim como os companheiros do Funchal, a solicitarem asilo em casas congêneres, no estrangeiro). Em todo o caso, essas vicissitudes não impediram que a residência de São Luís, em Lisboa, continuasse a constituir um polo aglutinador na vida dos Padres da Missão, em Portugal: nesse sentido, o Autor evoca o peso de que se revestiu o «apostolado pela imprensa» (p. 582), declinado na edição do Novo Testamento, sob o título *Os quatro Evangelhos e os Actos dos Apóstolos* (1916) e do *Manual do Soldado Português* (1917), publicado pelo Padre Ballester, «a pedido dos prelados e para prestar assistência religiosa aos nossos soldados durante a Primeira Grande Guerra» (p. 583), assim como o seu papel na moldura da reforma do canto religioso em Portugal.

O terceiro e último volume dos *Apontamentos* é constituído pelas «Sexta», «Sétima» e «Oitava» partes.

A «Sexta» (pp. 27-280) e a «Sétima» Parte (pp. 281-507) debruçam-se sobre o contexto europeu, no período compreendido entre 1927 (que coincide com a restauração da província portuguesa) e 1960, ano em que se celebrou o tricentenário da morte de São Vicente de Paulo. Entre vários aspetos, o Padre Bráulio de Sousa Guimarães sublinha a centralidade não só da escola apostólica de Jogueiros (pp. 118-122), pese embora o facto de esta ter desenvolvido atividades apenas durante o ano letivo de 1927-1928 (p. 122), assim como do seminário de Santa Teresinha de Pombeiro, a partir do qual será lançada a revista *Mensagem de S. Vicente de Paulo* (p. 157-158) e do Seminário de São Vicente de Paulo, em Mafra, fundado em 1953 (pp. 416-435).

A «Oitava Parte» (pp. 509-821) dedica a sua atenção ao contexto africano, balizando-se, cronologicamente, no período compreendido entre 1927 e 1960.

Realçando o papel desempenhado pela Congregação da Missão na moldura religiosa e espiritual de Portugal, no período compreendido entre os séculos XVII e XX, a edição desta obra constitui um importante contributo para a revalorização do filão constituído pela historiografia religiosa, refletindo a importância urgente do resgate de textos e documentos que permanecem, ainda hoje, esquecidos (ou desconhecidos), de molde a tornar menos opaca a história religiosa e da espiritualidade, nas suas múltiplas práticas e configurações.